



“ÁGUA DE CHOCALHO” EM REDE: RODA DE CONVERSA ONLINE COM FAMÍLIAS DE CRIANÇAS AUTISTAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

“ÁGUA DE CHOCALHO” NETWORKED: ON-LINE CONVERSATION GROUPS WITH FAMILIES OF AUTISTIC CHILDREN DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Julyana Lima Vasconcelos Andrade - Mestranda em Psicologia e Políticas Públicas - Universidade Federal do Ceará. E-mail: julyanalimapsi@gmail.com

Amanda Cristina Menezes Nascimento - Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. E-mail: amanda.lis23@gmail.com

Ana Heliza Ponte - Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. E-mail: helizaponte@gmail.com

Bárbara Cristina Cutrim Barros - Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. E-mail: bccbarros280@gmail.com

Maria de Fátima do Nascimento Rodrigues - Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. E-mail: fatimarodrigues65890@gmail.com

Raiza Lopes Pires - Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará. E-mail: raiza.lp66@gmail.com

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo refletir acerca da formação virtual de uma roda de conversa como ação do projeto de extensão “Água de Chocalho” durante a pandemia de COVID-19, tendo como foco as percepções dos extensionistas a partir de sua atuação na atividade. Esta, volta-se para pais de crianças com autismo e se propõe a promover um espaço de escuta e partilha frente a angústia dessas famílias que tiveram suas rotinas drasticamente modificadas, visto que, até o momento da atuação do projeto esse espaço era inexistente. O contato com esse grupo foi possível a partir da colaboração de duas Organizações Não Governamentais (ONGs) e uma escola particular da cidade de Sobral, onde o projeto atua, que ajudaram a estabelecer o contato com o público-alvo da roda de conversa. Foi percebido que esse espaço para os responsáveis das crianças partilharem é de fundamental importância, já que estudos mostram que mesmo antes do período de pandemia, essas famílias atravessavam situações conflitantes que poderiam se intensificar nesse contexto tão angustiante e atípico. Podemos afirmar que o trabalho realizado até o momento apresenta potencial para ser continuado após o período pandêmico, com o intuito de aprofundar os laços formados e contribuir para a elaboração das questões dessas famílias em torno do Autismo.

Palavras-Chave: Autismo. Extensão. Isolamento social. Família. Roda de conversa online.

ABSTRACT

This essay has as main objective to think about the creation of an online conversation group as an activity of an extension project called “Água de Chocalho” during the COVID- 19 pandemic, focusing on the perceptions of the students based on their experience in this activity. The group is for parents of autistic children and aims to promote a space where they can listen and share experiences in this moment of anguish that they had their routine completely modified, before, there was no space where the parents could talk about their feelings. The contact with the group was possible because we got in touch with two NGOs and a private school of Sobral city, where the project works, and those institutions helped us to make contact with the parents that could possibly be interested in the conversation groups. We realized that this space for the parents to share what they are feeling is for fact fundamentally important, since studies show that even before the pandemic period these families were experiencing conflicting situations that could be intensified in this distressing and atypical context. We can say that until this moment the work that was made in the conversation groups has potential to be continued after the pandemic period, we want to get closer with this families and to contribute to the elaboration of the questions of these families around autism.

Keywords: Autism. Extension. Social isolation. Family. On-line conversation groups.

INTRODUÇÃO

A universidade tem como alicerce o tripé formado por ensino, pesquisa e extensão. As ações de extensão têm se mostrado de grande importância para a formação profissional, possibilitando uma atuação mais próxima da realidade social. Carbonari e Pereira (2007) apontam que, cada vez mais, é necessário pensar como a extensão pode colaborar de forma mais direta na resolução das questões sociais, o que reafirma o compromisso social que a Universidade, principalmente a pública, possui.

Isto posto, o projeto “Água de Chocalho”, a partir da ética da psicanálise e seu campo operacional, presta atendimento a crianças com grave sofrimento psíquico, na cidade de Sobral, interior do Ceará. De acordo com o entendimento do Ministério da Saúde fazem parte desse grupo “portadores de autismo, psicoses, neuroses graves e todos aqueles que, por sua condição psíquica, estão impossibilitados de manter ou estabelecer laços sociais” (BRASIL, 2004, p. 23). Contudo, Costa (2003 *apud* JANUARIO; TAFURI, 2009) utiliza o termo ‘sofrimento psíquico grave’ em saída aos nominalismos impostos pela psiquiatria contemporânea, para o autor, o sofrimento daquele tachado como louco, é de fato, o sofrimento “do qual se é impossível falar, definir, delimitar com conceitos simples” (COSTA, 2003, p.30 *apud* JANUARIO; TAFURI, 2009, p. 531).

O trabalho realizado pelo projeto configura-se como uma demanda social, uma vez que, de acordo com Viana, Furtado e Vieira (2020), a referida cidade não possui um CAPS Infante-Juvenil e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) não é capaz de suprir a demanda de Sobral e cidades circunvizinhas, sendo necessário outros dispositivos para assistir a este público. A extensão está vinculada ao Laboratório de Clínica, Sujeito e Políticas Públicas – CLIPSUS, da Universidade Federal do Ceará – UFC, *campus* Sobral, tendo como principal espaço de atuação o Serviço de Psicologia Aplicada (S.P.A.). As ações propostas pelo projeto consistem em:

Atendimento às crianças e seus responsáveis, construção de casos clínicos, supervisão clínica e institucional, reuniões com a equipe da rede intersetorial e dos serviços envolvidos no acompanhamento da criança, oficinas de música e reuniões com a equipe responsável (VIANA; FURTADO; VIEIRA, 2020, p. 319).

Em 30 de janeiro de 2020, após a deflagração da doença posteriormente nomeada como COVID-19, em Whuan na China, Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou que o surto de COVID-19 se qualificava como uma Emergência de Saúde Pública de relevância internacional, sendo classificada como pandemia em 11 de março de 2020 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). “A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves” (BRASIL, 2020). Rezende (1998, p. 154) define pandemia como “uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente”. De acordo com o Boletim Epidemiológico da Secretaria da Saúde de Sobral, o primeiro caso foi confirmado na cidade no dia 17 de março de 2020. Até o momento em que este trabalho está sendo escrito, Sobral atingiu o número de 11.687 infectados, tendo 307 óbitos em decorrência do COVID-19.

Em virtude da situação apresentada, as atividades realizadas pelo projeto “Água de Chocalho” não puderam ocorrer de forma presencial. Os atendimentos no S.P.A. foram suspensos, os dispositivos de saúde da cidade tiveram que mudar completamente sua rotina de funcionamento para atender a nova demanda imposta pela pandemia, o que impactou diretamente as crianças com grave sofrimento psíquico e suas famílias, uma vez que, muitas delas estão sem atendimento.

Atendendo a realidade que se impõe, foi necessário um processo de adaptação para que novas ações oportunizassem a continuidade do projeto a partir de plataformas virtuais. Dessa forma, foi dado início a uma roda de conversa online intitulada “Parentalidade no Autismo – Diálogos em Meio ao Isolamento Social”. A ação tem por objetivo fornecer um espaço que possibilite a elaboração das questões em torno da pandemia e do autismo a partir da troca de experiências entre os participantes

Utilizamos a metodologia das Rodas de Conversa por ser um lugar de fala e “escuta sensível”, além de suscitar nos indivíduos participantes uma “ressignificação no sentido de suas experiências”, a partir de uma conversa dialógica onde se implicam diretamente (SAMPAIO *et al.*, 2014, p. 1301). Inicialmente, as famílias das crianças atendidas pelo “Água de Chocalho” foram convidadas a integrar esse grupo, contamos também com a colaboração de uma escola particular e duas organizações não governamentais (ONGs) do município, que serviram como ponte para que a ação pudesse atingir outras famílias. Os encontros ocorrem por meio de uma plataforma virtual, quinzenalmente, com um público rotativo.

Por certo, não fornecer qualquer tipo de assistência em um momento tão crítico era incogitável, a manutenção do vínculo entre o projeto e as famílias atendidas é imprescindível para a continuidade dos tratamentos, de forma presencial, assim que o serviço retornar. Outrossim, os espaços virtuais do mesmo modo que podem ser excludentes, já que não são acessíveis para uma parcela da população, possibilitam ampla circulação de informação para aqueles que têm os dispositivos necessários para estar nesses espaços. Sendo assim, a inserção do “Água de Chocalho” nas plataformas virtuais cria a oportunidade para que o projeto chegue a novas pessoas e que outros vínculos possam ser criados a partir disso.

Abordaremos aqui os desafios e possibilidades de atuação da extensão universitária no contexto pandêmico, a partir das percepções dos extensionistas que atuaram na roda de conversa online “Parentalidade no Autismo – Diálogos em Meio ao Isolamento Social”, realizada pelo projeto “Água de Chocalho”.

O IMPACTO DA PANDEMIA NAS FAMÍLIAS COM FILHOS AUTISTAS

O Autismo está classificado, segundo a Associação Americana de Psiquiatria no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, quinta edição (DSM-V), como um transtorno do neurodesenvolvimento, cujos sintomas causam prejuízos à vida social do indivíduo. Em sua quinta versão, o manual adota a noção de “espectro”, criando uma nova categoria denominada Transtorno do Espectro Autista (TEA), que funde o Autismo, o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento em uma única categoria (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014).

Indivíduos com este diagnóstico costumam ter dificuldade na reciprocidade socioemocional, na comunicação verbal e não verbal, interesses fixos e dificuldade em se adequar a mudanças, dificultando assim, seus relacionamentos. Segundo Tafuri (2002), Kanner, em 1943, instigou o pensamento psiquiátrico ao utilizar o termo de Bleuler (1911 *apud* TAFURI, 2002) “autismo”, não para descrever um pensamento fantasioso esquizofrênico e sim para descrever as crianças isoladas que não desenvolviam contato afetivo. Além de não concordar com o termo “rompimento com a realidade” para definir os sintomas, para Kanner o que acontecia era um isolamento inacessível, sendo incapaz de estabelecer contato com o meio externo.

Ademais, Kanner (1943 *apud* Maleval, 2017) fala de um fechamento extremo que é próprio do autismo, em que o mundo exterior se mostra pouco atrativo para essas crianças, o que dificulta seu relacionamento, com aqueles que a cercam, inclusive com familiares, necessitando de cuidados específicos e causando angústia e mudança na dinâmica de relacionamento dentro dessas famílias. Uma das medidas de prevenção à COVID-19 é o isolamento social, ocasionando confinamento doméstico, fechamento de instituições de educação, suspensão do comércio, entre outras ações. Dessa forma, estabeleceu-se uma nova forma de viver, alterando a rotina das famílias e gerando mudança nas relações sociais.

Para Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo e Visintin (2020), a estadia das crianças no ambiente doméstico tornou-se ininterrupta e a efetivação da atividade laboral das mães executadas em residência, duplicaram ainda mais sua jornada, já que elas estariam o dia inteiro em casa. Com isso, as famílias que já tinham que lidar com o isolamento próprio da criança autista, passaram a ter que lidar também com o isolamento social. Além disso, a alteração drástica na rotina tem um impacto ainda maior na criança autista, uma vez que, “as mudanças de rotina, de disposição dos móveis, de conduta, de ordem nas quais os atos são executados todos os dias podem levá-la ao desespero” (MALEVAL, 2017, p. 45-46).

Nas rodas de conversa realizadas por nosso projeto de extensão, as mães dialogam, por exemplo, sobre as construções lúdicas que encontraram para seus filhos na quarentena, buscando alternativas para conciliarem as atividades domésticas, trabalho e o cuidado com as crianças, trocando experiências sobre como substituir as atividades que já não eram mais permitidas e manejar os novos desafios.

Além do mais, ter um filho com autismo transforma a rotina da casa, gerando rupturas no berço familiar, as famílias podem se sentir “frustradas e diminuídas frente ao meio e nisso comprometer seriamente o grupo familiar” (DA SILVA E RIBEIRO, 2012, p. 581). Ainda, podemos ver no discurso de algumas mães que elas e os filhos sentem saudade do convívio com parentes, procurando alternativas virtuais como forma de comunicação para manter os laços com avós, tios, etc. Outrossim, podemos perceber que no começo da pandemia a maioria das mães também se preocupou em como explicar para os filhos os cuidados de higiene que deveriam ter, o que era o vírus e porque era necessário que permanecessem em casa.

Da mesma forma, as mães relataram a importância dos profissionais que participavam da rotina de seus filhos, e a angústia de não ter mais o acesso direto a eles, principalmente no começo da pandemia, quando os serviços ainda estavam se adaptando à nova realidade, sendo essencial ter o contato mesmo que por telefone com alguns profissionais. Além disso, as mães trazem em seus relatos o quão doloroso havia sido a ruptura com a rotina escolar das crianças e o impacto disso nas relações familiares, conforme Schmidt e Bosa (2007), a escola também tem uma função importante para as mães já que se tornam locais de apoio, onde as mães muitas vezes encontram consolo.

Igualmente, foi relatado como estava o comportamento de seus filhos durante o isolamento e que caminhos estavam sendo encontrados para contornar situações específicas como a intensificação dos sintomas ou se, dependendo da idade, havia o entendimento da situação que estava acontecendo já que, de acordo com Da Silva e Ribeiro (2012), muitas crianças autistas apresentam dificuldade de comunicação.

PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA RODA DE CONVERSA ONLINE

A partilha entre mães ou responsáveis foi uma forma que encontramos para lidar com o isolamento social, a fim de manter e/ou estabelecer contato com as famílias destas crianças. A partir dela, constatou-se o que Moura e Lima afirmam sobre a roda de conversa:

O sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva (2014, p. 100).

Assim, através das escutas pelos extensionistas, denotou-se na fala das mães o cansaço da rotina de casa. Além disso, há outras confluências em seus discursos: o excesso de afazeres, como dedicação e amparo aos filhos, marido e cuidados com a casa. Tendo em vista que a roda de conversa é aberta para ambos os genitores, nota-se a marcante ausência dos pais nesses momentos, reiterando os papéis atribuídos socialmente. Em vista disto, as mães participantes trabalham ou estudam em casa, enquanto seus companheiros podem sair de casa para realizar suas atividades laborais deflagrando que a configuração familiar que ainda se perpetua até hoje designa a mulher a ocupar esse lugar de responsabilização pelos filhos, casamento e pela casa.

Ademais, são constantes em seus relatos, experiências nas quais as participantes da roda acolhem as brincadeiras escolhidas pelos filhos e interagem com eles para que as mesmas se realizem. O esforço dessas mães é compreensível considerando-se o significativo comprometimento da função da sociabilidade e da imaginação social nas crianças e adolescentes diagnosticados com autismo.

Do ponto de vista psicanalítico, o qual orienta o nosso trabalho, destacamos o fato clínico de que as dificuldades relativas às relações com as outras pessoas, com os objetos e com as mudanças se explicam pelo fato de que sua realidade subjetiva é marcada por uma desagregação decorrente da invasão que a dimensão da falta e da diferença operam. Deste modo, seu isolamento e sua tendência à rotina são respeitados pois, longe de serem simplesmente sintomas, são modos singulares de se defenderem e se equilibrarem (VIANA; BRITO; FURTADO, 2020).

Por isso, a iniciativa de interação dessas mães com essas crianças, neste período de pandemia, pode ter-se mostrado como um momento privilegiado no qual a criança, em seu ambiente seguro e familiar, encontre condições simbólicas de elaboração subjetiva. A experiência, no entanto, não nos permitiu considerar ainda se em outros contextos familiares a interação entre

as mães e os filhos autistas, pelo contrário do que acabamos de afirmar, possa ter encontrado dificuldades materiais e simbólicas para a realização dessas interações de forma a respeitar os limites de cada criança. Não podemos excluir a possibilidade de que essa interação direta por um período prolongado não tenha justamente reforçado esse caráter invasivo e desagregador por parte do outro.

Entendemos, também, que a condição de isolamento social pode ter impedido a dialética das relações familiares, reforçando interações entre mães e filhos as quais não têm mediação alguma por parte de terceiros. Os movimentos de idas e vindas, saídas para a escola, para outras casas implica, portanto, uma alternância simbólica que é muito significativa na constituição do sujeito.

Voltando-se às mães, ao abordarem suas preocupações e preconceitos que as crianças ainda sofrem pela maneira singular como agem, buscamos, nesta mesma linha discursiva, adentrar na concepção que estas têm do autismo. Destarte, essa manobra possibilita que coloquem em palavras sua individualidade, fazendo-se escutar e perceber-se como estrutura à parte do filho autista. Pois, até o momento atual pandêmico, os pais não possuíam um espaço para se expressarem diante deste isolamento, de conhecer as versões de outras famílias que têm o autismo como algo em comum. Escutar outras versões, rendeu em falas de outras participantes, apoderando-se do espaço criado e cedido.

PARA ALÉM DA IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE

“A mãe biológica é concebida como a melhor cuidadora das crianças, em função de suposta disposição natural, instintivamente determinada, de proteção à prole” (AIELLO-VAISBERG; GALLO-BELLUZZO; VISINTIN, 2020, p. 5). Historicamente as mulheres são vistas como seres naturalmente predispostos a serem mães, como as únicas capazes de cuidar efetivamente de seus filhos; essa forma de ver o mundo influencia diretamente a maneira como mulheres têm se comportado, se relacionado e vivenciado a maternidade.

Há uma grande sobrecarga em cuidar dos filhos, da casa e, às vezes, ainda trabalhar fora. Carregar todo esse trabalho e toda essa responsabilidade sozinha pode ser um fator gerador de muito sofrimento e angústia. Quando falamos de mães de crianças autistas esses sentimentos podem ser potencializados por uma série de fatores, como o preconceito que as crianças sofrem, os cuidados diferenciados com o filho autista, medo de como será o futuro da criança e de não estar presente sempre, a não aceitação dos familiares e, conseqüentemente, a falta de apoio dada a essas mulheres.

É de fundamental importância que as mães não sejam as únicas responsáveis pela vida desses filhos e não vivenciem sozinhas essas dificuldades. A oportunidade de participar de um grupo, de partilhar as angústias, de se expressar livremente sobre como é a experiência da maternidade e de ouvir a fala de outras mulheres que também passam por situações semelhantes pode ser extremamente construtiva e importante para que consigam levar o seu dia a dia de forma mais tranquila e menos sobrecarregada.

“Cuidar de uma criança com algum transtorno crônico tem implicações sobre a qualidade de vida do cuidador/pais especialmente mães” (PEREIRA; BORDINI; ZAPPITELLI, 2017, p. 57), isso quer dizer que já pode ser desgastante cuidar de uma criança autista em situações normais, em uma situação de isolamento social isso é potencializado por uma série de fatores, como a atenção completa voltada para aquelas crianças e para os afazeres domésticos.

Essa realidade impôs uma condição de sofrimento para as crianças que por estarem isoladas ficavam cada vez mais estressadas diante do rompimento da antiga rotina. Isso criou uma

nova demanda para as mães que agora tiveram que reinventar o dia a dia em casa recorrendo à outras estratégias de lazer que prendessem as crianças numa dimensão lúdica. Todo esse trabalho não poderia ser executado sem um valor de investimento para essas mulheres, sendo assim, a dimensão do tempo e do espaço havia se esvaziado para elas, fazendo surgir a queixa sobre o cansaço da rotina interminável e o excesso de presença dos filhos como fatores que promoviam uma forte angústia.

É comum constatar que “mães de crianças com autismo dedicam a vida aos cuidados com o filho, não encontrando tempo para exercer outra atividade” (SMEHA; CÉZAR, 2011, p. 49). Dessa forma, a roda de conversa propiciada pelo “Água de Chocalho” buscou proporcionar um espaço em que essas mulheres falassem desse período tão angustiante, dos desejos e anseios delas, da falta de tempo para si mesmas e de como é ser mãe, tentando fugir um pouco desse ideal da maternidade que é imposto pela cultura patriarcal. É fundamental que exista um local de apoio em que essas mulheres possam ser acolhidas no seu sofrimento sem se sentirem julgadas por sentirem o que sentem, afinal, é natural se sentir esgotada diante de uma rotina tão sobrecarregada, solitária e cheia de obrigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica evidente a expressiva importância das rodas de conversas realizadas pelo “Água de Chocalho” durante a pandemia, e seu potencial para o cenário pós-pandêmico. Nessa perspectiva, o novo coronavírus mudou as configurações das relações, e a inserção intensa do contato através do mundo virtual foi uma das principais delas.

Contudo, é necessário pontuar os impasses que fizeram-se presentes, como a grande rotatividade dos grupos, seu esvaziamento e as dificuldades de alcance pleno de todos. As mães alternavam muito nos encontros, com a exceção de algumas, não comparecendo a mais de um encontro. Embora, tendo em vista que os anúncios dos encontros chegavam nas mães através das instituições parceiras, não temos como apontar se a falta de uma comunicação mais direta com elas foi o motivo desses não comparecimentos, ou outros fatores que motivaram essas ausências. Ademais, é importante ressaltar que as desigualdades sociais expressivas em nosso país são fatores importantes que impossibilitam a acessibilidade dos encontros para algumas mães. Quando iniciado os contatos na busca dessas mães, chegou ao nosso conhecimento uma que relatou a dificuldade de acesso a essas plataformas online.

Outro ponto, foi que houve de fato uma virtualização das relações, uma transformação de deixar de ocupar lugares físicos e passarmos para uma plataforma online; não houve os apertos de mãos, algo banal, mas irreal nesses novos tempos. No entanto, os afetos que foram trocados nesse novo modelo de encontro, às vivências, problemas e angústias, foram tão físicos quanto qualquer parede de concreto que exista na universidade, desse modo, o virtual é tão consistente e palpável quanto o real (LEVY, 1996). Outro ponto preponderante, é a potência inegável dos encontros virtuais. Uma mãe, por exemplo, pretende se mudar de cidade, mas não pretende romper o laço com o grupo, ela quer manter o vínculo através das reuniões online, mesmo que em outro estado. Não há mais limites de espaços, não há barreiras físicas.

Outrossim, todo esse processo de isolamento social possibilitou às mães novos olhares sobre seus filhos e a realidade que ambos partilham. Não que já não houvesse essas transformações de olhares antes, afinal, isso é constituinte do cotidiano da vida, porém, foi um período de tempo muito maior e mais exclusivo nessa quarentena, para se perceber muitas outras infinitas possibilidades que uma criança pode apresentar. Olhar semelhante ao construído no “Água de Chocalho”, onde a liberdade da criança para criar e fazer a partir da demanda do seu desejo, é ética basal. Assim, essa quarentena permitiu novos deslocamentos, e construções de saber.

Nesse sentido, é um momento de extrema importância que essas rodas de conversas ocorreram durante a pandemia, visto que, é um momento de novas descobertas e também novas dúvidas, de momentos de exaustão mais intensos também, já que a dedicação aos filhos redobrou, em razão da impossibilidade de outros espaços que as crianças ocupem devido ao isolamento social. Desse modo, nesse período de novos desafios, são importantes esses momentos de partilha entre as mães. Os encontros possibilitam a socialização sobre o que funcionou com uma criança, o que as outras fazem da mesma forma e, também, o reconhecimento de si mesmas em outras mães, sobre as frustrações que elas mesmas sentem.

Reitera-se, então, que essa virtualização dos encontros, foi, diferente do que se temia inicialmente, não um obstáculo, mas uma nova oportunidade. Produzir esses espaços de fala e escuta, para além de momentos muito ricos, foi a possibilidade da criação de novos vínculos, antes voltados mais exclusivamente para as crianças. Houve a transformação do contato, dos encontros como os conhecíamos, de um modo de ser em um outro, delineando novas potências, novas formas de presença, um processo de virtualização (LEVY, 1996).

Por fim, cabe ressaltar o desejo em dar continuidade ao grupo, mesmo após a pandemia. Logo, continuamos com os encontros quinzenais, com o intuito de manter os vínculos criados na quarentena, esperando ser mantidos a longo prazo. Acreditamos que há muito ainda há ser dito por elas, e esses laços podem ser ainda muito estreitados, à exemplo da mãe que esperava chegar nos encontros para poder conversar com outras mães que se identificassem com a situação dela. Destarte, esse ensaio apresenta a relevância da atividade proposta pelo Projeto Água de Chocalho, alcançando famílias com crianças autistas, mantendo e formando laços para que o diálogo sobre parentalidade e autismo não cesse mesmo em meio ao isolamento social ocasionado pelo COVID-19 e agora com novas possibilidades de expansão, reconhecendo as dificuldades que ainda temos. Essas rodas de conversa, criadas, não apesar do virtual mas devido a ele, têm grande potencial para se desenvolverem superando seus limitadores físicos e virtuais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais – DSM**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

AIELLO-VAISBERG, T.; GALLO-BELLUZZO, S.; VISINTIN, C. **Maternidade e sofrimento social em tempos de Covid 19**: estudo de Mommy Blogs, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.356>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**: o que é Covid-19. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 17 set 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Brasília, 2004.

CARBONARI, M.; PEREIRA, A. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

DA SILVA, E. B. A.; RIBEIRO, M. F. M. Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. **Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 579-589, 2013.

JANUARIO, L. M.; TAFURI, M. I. O sofrimento psíquico grave e a clínica com crianças. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 527-550, 2009.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo, Editora 34, 1996.

MALEVAL, J. C. **O autista e a sua voz** [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2017.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa COVID-19**. Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 17 set. 2020.

PEREIRA, M. L; BORDINI, D.; ZAPPITELLI, M. C. Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 56-64, dez. 2017.

SOBRAL. Prefeitura Municipal. **Boletim COVID-19 em Sobral**. Disponível em: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/boletim-covid-19-em-sobral>. Acesso em: 14 set. 2020.

REZENDE, J. M. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical**, v. 27, n. 1, 1998.

SAMPAIO, J. *et al.* Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 179-191, dez. 2007.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, mar. 2011.

TAFURI, I. A capacidade do bebê para estar só e o isolamento autista. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 5, n. 3, pág. 124-137, set. 2002.

VIANA, B. A.; BRITO, K. M.; FURTADO, L. A. R. Sobre o que ressoa e faz eco: voz, música e *lalíngua* no tratamento do autismo. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 613-629, 2020.

VIANA, B. A.; FURTADO, L. A. R.; VIEIRA, C. A. L. Invenção e estabilização: uma experiência com crianças autistas em dispositivos de Saúde Mental. **Rev. Latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 313-336, 2020 .

Data de recebimento: 20/09/2020

Data de aceite para publicação: 03/11/2020